

ESTRATÉGIAS DE CONSTITUIÇÃO DA REFERÊNCIA NA MEMÓRIA DISCURSIVA

Janaina Rigo CAIERÃO
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Analisaremos três estratégias de constituição da referência na memória discursiva conforme a descrição apresentada por Koch (2004), apud Cavalcante (2005). Segundo essas escritoras, os referentes são construídos, reconstruídos, ativados, reativados, desfocalizados e desativados no texto. Nessa direção, analisaremos que tipos de processo referencial estariam ligados a cada uma dessas estratégias, tendo como *corpus* uma crônica da escritora Martha Medeiros.

1 INTRODUÇÃO

A referenciação textual e a sua relevância para a organização ordenada das informações que arquitetam um texto constituem o tema deste artigo.

Para um aprimoramento e aprofundamento dos processos de referenciação na produção discursiva, os linguistas de Segunda Geração¹ passam a levar em consideração, também a cognição. A partir desses novos estudos, podemos perceber que a referenciação apresenta mais elementos do que simplesmente a co-referencialidade, já que se trata de uma emaranhada rede de conceitos e objetos, os quais ainda merecem ser explicados e reapreciados.

Nesse sentido, primeiramente apresentaremos o conceito de texto, segundo Koch (1998), onde a produção textual é vista como uma atividade verbal interacional, resultante de operações e estratégias da mente humana e a

¹ Segundo Koch (2004), na década de 80, delineia-se uma nova orientação nos estudos do texto, a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações. Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais.

serviço de fins sociais. A Linguística Textual estuda tais operações, lingüísticas e cognitivas, que controlam sua produção, além de seus aspectos coerentes e coesivos.

Em um segundo momento, iremos apresentar a ideia defendida por Cavalcante (2005), de que *referenciação* e *anáfora* não constituem termos *intercambiáveis*, já que em algumas situações se introduz um objeto novo no discurso sem que nenhum elemento co-textual o engatilhe.

Logo após, levaremos em consideração Koch (2004) apud Cavalcante (2005), que caracteriza três estratégias de constituição da referência na memória discursiva: construção/ativação; reconstrução/reativação; desfocalização/desativação. Em seguida, tais estratégias serão analisadas no texto “Passeio completo”, publicado no Jornal Zero Hora, em 21 de setembro de 2008 da cronista Martha Medeiros.

2 BASE TEÓRICA PARA A ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS

Segundo Koch (2001), com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, às questões relativas à produção e compreensão de texto, às estratégias sócio-cognitivas de interação nele envolvidas, às formas de representação do conhecimento na memória, entre tantas outras, passaram a ser centro dos interesses de inúmeros estudiosos da Linguística Textual.

Entretanto, além dos interesses dos estudiosos pelos processos de organização global dos textos, estes assumem cada vez interesse às questões de ordem sócio-cognitiva, as quais envolvem as da referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio etc. Há interesse, também com relação ao tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita, ao estudo dos gêneros textuais, principalmente sob a perspectiva bakhtiana, retornando assim a questão dos gêneros a ocupar lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto.

Nessa direção, queremos nos deter na questão da referenciação textual, que vem sendo objeto de pesquisa de muitos estudiosos. A ideia apresentada

por Koch (2001) é que inúmeros autores têm dedicado especial interesse a questões como a criação de *objetos-de-discurso*, a anáfora associativa, sua conceituação e sua abrangência, as operações de nominalização e suas funções, entre várias outras com elas de certa forma relacionadas. Para Koch (2001), o principal pressuposto destas pesquisas é o da *referenciação como atividade discursiva*, como é postulado por Marcuschi & Koch (1998).

Desta forma, de conformidade com Mondada & Dubois (1995) e Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), acreditamos que a referenciação é, sobretudo, um problema que diz respeito às operações realizadas pelos sujeitos à medida que o discurso acontece; e que o discurso constrói os *objetos* a que faz alusão (*objetos-de-discurso*), ao mesmo tempo em que é contribuinte dessa construção.

E é justamente a essa questão que Cavalcante (2005) vai se dedicar e como se pretende mostrar na sequência, por meio do desenvolvimento do processo de referenciação. Sendo assim, trabalharemos em seguida com algumas considerações sobre o conceito de texto.

3 CONCEITO DE TEXTO

Conforme a perspectiva teórica que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de diferentes maneiras. Isso também acontece em relação ao conceito de texto, até mesmo dentro da Linguística Textual, nas suas diferentes etapas de estudo, que tem no texto seu objeto principal de análise. Nesse sentido, podemos afirmar que o conceito de texto varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada.

Segundo Koch (1998), podemos verificar que, desde as origens da Linguística do Texto até os nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Inicialmente, foi concebido como:

- a) unidade linguística (do sistema) superior à frase;
- b) sucessão ou combinação de frases;
- c) cadeia de pronominalizações ininterruptas;
- d) cadeia de isotopias;

e) complexo de proposições semânticas².

Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser encarado:

a) pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala;

b) pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais;

c) pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global.

Assim, o texto deixa de ser compreendido como um produto, passando a ser interpelado em seu próprio processo de planejamento, exposição verbal e construção.

Relacionando estes últimos dois pontos de vista, o texto pode ser compreendido como resultado parcial da atividade comunicativa humana, que integra processos, operações e estratégias mentais, e que são colocados em ação em situações de interação social. Portanto, Koch (1998) defende a posição de que:

a) a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de práticas sociais, inserida em contextos mais complexos;

b) trata-se de uma atividade intencional que o falante, dentro de suas condições sob as quais o texto é produzido, tenta dar a entender seus objetivos ao destinatário através da manifestação verbal;

c) é uma atividade de interação, onde os interactantes se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Diante dessa perspectiva, Koch (1998) afirma que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos que atuam na sociedade, com a intenção de alcançar um fim social, em conformidade com as condições em que a atividade se realiza.

² **SEMÂNTICA** s.f. **1.** Disciplina lingüística que estuda o sentido das unidades lingüísticas e de suas combinações. **2.** Estudo das proposições de uma teoria dedutiva do ponto de vista de sua verdade ou de sua falsidade.

Resumindo, a Linguística Textual aborda o texto como um ato de comunicação reunido num intrincado universo de ações humanas. Para tanto, de um lado deve conservar a *organização linear*, tratamento propriamente linguístico relacionado ao aspecto da coesão e, por outro, deve abordar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear, portanto dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Assim, segundo Koch (2001), a Linguística Textual, com esta nova concepção de texto, parece ter-se tornado um ponto de junção, para o qual convergem muitos caminhos, mas que é também o ponto de partida de muitos deles, em diversas direções. Para Koch (2001), a Linguística do Texto deve ser vista como estação de partida e de passagem de muitos - inclusive novos - desenvolvimentos. Dessa forma, abre perspectivas otimistas quanto a seu futuro, como parte integrante não só da Ciência da Linguagem, mas das outras ciências que têm como sujeito principal o ser humano. Sendo assim, numa perspectiva linguístico-textual, podemos abordar questões como o Processo de Referenciação que é realizado no texto por esse sujeito que usa a língua.

4 REFERENCIAÇÃO E ANÁFORA

Nesta seção trataremos de algumas questões envolvidas no Processo de Referenciação, a partir de abordagens mais recentes na Linguística Textual, procurando ver o estudo do texto como uma maneira de ler e observar a organização interna das informações que compõem esse texto. Segundo Apothéloz (2001) apud Cavalcanti (2005), o processo de referenciação não acontece com a simples utilização de termos referenciais, pois vai muito além, uma vez que para Apothéloz o referente surge de “um conjunto de ações”, pelo qual os “co-enunciadores” ajeitam suas conversações e assim constroem sentidos na ação comunicativa.

Conforme Cavalcante (2005) é da inter-relação entre língua e práticas sociais que surgem os *referentes*, ou *objetos-de-discurso*³, por meio dos quais percebemos a realidade. Dessa forma, Cavalcante (2005) alinha-se a Marcuschi quando ele faz o seguinte comentário:

Tudo indica que o melhor caminho não é analisar como representamos, o que representamos nem como é o mundo ou a língua e sim que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida. Não vamos analisar se o mundo está ou não discretizado nem se a língua é um conjunto de etiquetas ou não. Vamos partir da ideia de que o mundo e o nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sócio-cognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto. (MARCUSCHI, 2004, p.125-126)

Para Cavalcante (2005), a partir desse processo dinâmico de atividade verbal entre sujeitos que usam a língua para estabelecer uma relação entre si é que se produzem os processos de introdução referencial e de anáfora em sentido bastante amplo. É na continuidade desses dois processos que se estabelecem os casos de dêixis. Nesta reflexão, entendemos dêixis como um fenômeno que apresenta um objeto textual novo ao leitor, ou o põe em foco. Cabe aqui ressaltar que tanto as introduções quanto as anáforas podem ser dêiticas ou não-dêiticas, dependendo de como acontece o fenômeno da dêixis.

Segundo Cavalcante (2005), para um processo referencial ser considerado dêítico, ele necessita fazer um pedido de auxílio ao ponto de origem em que se situa o falante, ou o co-enunciador. Isso porque o locutor é a origem do dizer. É a partir dele que se pode delimitar o tempo e o espaço daquele que diz e usa a língua para se comunicar com o outro. Nesse sentido, para Cavalcante (2005), se caso elegermos como norma primária a recuperação de referentes no discurso, poderemos aceitar que a dêixis pode

³ Os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera. Nesse sentido, os objetos-de-discurso são os conhecimentos construídos no texto, ou seja, não pré-existem ao discurso como tal, mas são construídos no seu interior. Assim, referenciação envolve/cria os objetos-de-discurso.

atravessar o caminho da anáfora e da introdução referencial, não as excluindo, porém introduzindo nessa interseção uma soma de subjetividades. E isso ocorre porque ao localizar tempo, espaço ou pessoa, naturalmente o locutor do texto faz referência ao já dito ou ao recuperável cognitivamente por outros já ditos. Isso aproxima os conceitos de dêixis e de anáfora.

Cavalcante (2005) faz parte do grupo que sustenta a ideia de que referência e anáfora não constituem termos permutáveis, já que em alguns casos se insere um objeto novo no discurso sem que nenhum elemento contextual o componha, ou o sustente.

Tais construções de uso representam *introduções referenciais*, em que nenhuma pista do co-texto autoriza um engatilhamento de um novo referente no texto. Nesse caso, a anáfora não é remissiva e, sim cognitiva. Em oposição, existem os casos em que a expressão referencial resgata uma âncora do co-texto e permite instaurar um processo de *anáfora*, ocasionando assim um procedimento de co-referencialidade.

Evidencia-se a partir de inúmeros estudos, que certas introduções de referentes encontram algum tipo de ancoragem no co-texto, o que lhes confere um caráter anafórico. Dessa forma, essas ocorrências receberão a designação de *anáforas* já que, embora retomem indiretamente o mesmo objeto-de-discurso, e aparentemente apresente uma entidade nova, levam a um ou outro sinal co-textual do qual elas se tornam não exatamente novas, mas que podem ser deduzidas no discurso.

Koch (2004) divide as anáforas em *co-referenciais* e *não-co-referenciais* e inclui, entre estas últimas, as anáforas indiretas, as quais resguardam um subtipo mais associativo, outro mais inferencial e as anáforas encapsuladoras. Ingedore Koch faz a distinção entre os subtipos associativo e inferencial da seguinte forma: “Na anáfora associativa, é preciso selecionar convenientemente termos pertencentes a um mesmo campo lexical, de modo a permitir, por meronímia, a construção dos referentes” (KOCH apud CAVALCANTE, 2005, p.128). Por outro lado, Ingedore Koch afirma que as anáforas indiretas propriamente ditas, não-associativas, ou mais inferenciais, não se estabeleceriam por uma condição *léxico-estereotípica*, mas sim, por

“uma relação indireta que se constrói inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo” (KOCH apud CAVALCANTE, 2005, p.128).

Dessa forma, em inúmeros casos de referenciação indireta, as relações se estabelecem a partir de modelos mentais detalhadamente organizados em nossos conhecimentos, os quais são culturalmente compartilhados. Isso pode ser acessado a qualquer mecanismo referencial que um texto possa construir e/ou sugerir.

5 REFERENCIAÇÃO E ACESSIBILIDADE

Cavalcante (2005) afirma que os mecanismos inferenciais da referenciação constituem-se de uma intrincada rede de conceitos e objetos que se (re) constroem na memória discursiva dos interlocutores, e por esse motivo necessitam ser explicados e reapreciados. Para tanto, Koch (2004) apud Cavalcante (2005) caracteriza três estratégias de constituição da referência na memória discursiva, as quais serão apenas citadas, em um primeiro momento, e reapreciadas e/ou analisadas, em um segundo momento:

a) construção/ativação: um *objeto-textual* que até então não havia sido mencionado é introduzido, passando a preencher um *endereço cognitivo* na rede conceitual do texto: o termo linguístico que o representa é colocado em foco no texto, de tal forma que esse objeto fica evidente no modelo de trabalho, ou seja, no texto;

b) reconstrução/ reativação: um *endereço cognitivo* já presente na memória discursiva é introduzido novamente na memória operacional, através de um termo referencial, de modo que o *endereço cognitivo* continua em foco;

c) desfocalização/desativação: ocorre quando um novo *objeto-de-discurso* é introduzido, passando a ocupar a posição principal. Entretanto, o objetivo retirado do foco permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo retornar à colocação principal a qualquer instante, ou seja, ele continua à disposição para a utilização instantânea na memória dos interlocutores.

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS NA CRÔNICA

Pensando sobre os tipos de processo referencial que estariam ligados a cada uma das estratégias citadas anteriormente, selecionamos a crônica “Passeio completo”, da escritora Martha Medeiros, publicada no Jornal Zero Hora em setembro de 2008, a fim de analisar de que forma cada procedimento transcorre na memória discursiva.

Para tanto, segue o texto selecionado e, em seguida a análise de cada procedimento referencial.

Passeio completo	
1	Outro dia o programa Saia Justa mostrou uma reportagem sobre as
2	bonitas e doces mulheres da Guatemala, seus hábitos e costumes. A matéria
3	era focada em moda: <i>elas</i> mostravam o seu jeito de vestir, suas tranças e
4	suas estampas. Assim que o sol desponta, <i>essas mulheres</i> se preparam para
5	o dia com muitas saias e blusas coloridas, que denunciam um astral de
6	celebração que dura de segunda a segunda. A repórter então perguntou: “E o
7	que vocês vestem em dia de festa”? A resposta: “A mesma coisa”! No máximo,
8	estréiam uma roupa nova, mas não diferente das que costumam usar em suas
9	tarefas cotidianas.
10	<i>Isso</i> me fez lembrar de uma teoria que eu defendo e que não sei se serve
11	apenas para mim ou se as companheiras concordam: em dia de festa, nunca
12	ficamos tão bonitas quando no dia-a-dia.
13	Quando eu chego numa festa, geralmente penso: que trabalhão deu para
14	cada uma de nós se enfeiar. A maquiagem é demais. A base no rosto
15	envelhece. O brilho é vulgar. O salto nos deixa capengas. Há excesso de
16	adereços. Todas olhando pro celular para ver que horas são (mulher quase
17	nunca usa relógio de pulso em festa), contando os minutos para voltar pra
18	casa, passar um demaquilante no rosto, colocar uma pantufinha nos pés e cair
19	na cama para, no dia seguinte, aí sim, vestir um jeans, uma camisa branca,

20 amarrar uma echarpe em volta do pescoço, passar um blush e voltar a ser
21 uma mulher sensacional.

22 Rituais, essa praga. Me convidem para uma balada mais chique e entro
23 automaticamente no meu inferno astral. Missão: montar um personagem e
24 deixar de ser eu mesma. Pronta para a guerra, me olho no espelho e
25 pergunto: quem é essa vestindo uma peça de roupa que nem foi totalmente
26 paga e que daria tudo para estar com a mesma camiseta que vestia à tarde?

27 Não que eu seja uma vítima da moda. Em dia de festa, tomo banho e
28 coloco uma roupa nova, ao estilo guatemalteco, mas é preciso seguir as
29 regras da sociedade, que é carrasca: não posso ir de qualquer jeito num
30 casamento, usar um vestidinho de algodão num jantar cerimonioso, vestir
31 bermuda na hora de percorrer um *tapete vermelho*.

32 *Tapete vermelho*: de onde tirei isso? Baixou Hollywood na crônica.
33 Estique um tapete vermelho em frente a qualquer mulher e ela arriscará um
34 penteado que a envelhecerá 10 anos, passará um batom escarlata que a
35 deixará igual a uma dona de inferninho, usará uma bolsa minúscula em que
36 não caberá nem a chave de casa e se atreverá a usar uma cor inusual que
37 afugentará qualquer candidato a marido – mas ela já tem o seu garantido,
38 lógico. E o coitado ainda será obrigado a dizer “você está linda”, torcendo para
que aquela estranha seja mesmo a mulher dele.

O mesmo tipo de roupa para o dia, o mesmo tipo de roupa para a noite e
o mesmo para festas – isso sim é personalidade e estilo. Um dia quero ser
moderna como as camponesas da Guatemala.

Martha Medeiros
Zero Hora – 21/9/08

6.1 Construção e ativação de objetos

A partir do que defende Cavalcante (2005) o primeiro procedimento referencial, o de construção/ativação, explicaria o que ocorre com a introdução do objeto *tapete vermelho* (linha 28). Nesse caso, um *objeto-de-discurso* ainda não mencionado passa a preencher um *nódulo*, um *endereço cognitivo* na rede

do texto, já que a expressão é colocada em foco, de tal forma que fica em evidência no modelo textual. Assim, temos condições de analisar o que ocorre no parágrafo posterior, onde a escritora faz toda uma relação do termo ativado com Hollywood, explicando que basta esticar um tapete vermelho em frente a qualquer mulher e ela arriscará atitudes que não são próprias dela.

Ainda podemos destacar que não há nenhuma pista no co-texto que autorizasse um engatilhamento do objeto *tapete vermelho*. Assim como Cavalcante (2005), podemos afirmar que o termo referência não envolve somente o fenômeno da anáfora, mas também o da introdução referencial, o que nos leva a crer que referência e anáfora não se sobrepõem por completo.

O que demonstramos aqui, assim como inúmeros estudos, é que certas introduções de referentes acham algum tipo de ancoragem no co-texto, o que lhes garante, então, um caráter anafórico.

6.2 Reconstrução e reativação de objetos

Além das construções representadas por introduções referenciais, o *objeto-de-discurso* também pode ser reativado pelo recurso da anáfora co-referencial e permanecer em evidência no discurso, o que corresponderia à situação presente no primeiro parágrafo com a utilização do objeto *elas* (linha 03). Nesse caso, esse objeto estabelece vínculo com as bonitas e doces mulheres da Guatemala, bem como dispara um gatilho para o jeito de vestir, as tranças, as estampas utilizadas por essas mulheres; como se preparam para o dia com muitas saias e blusas coloridas, que denunciam um astral de celebração que dura de segunda a segunda. Enfim, que essas mulheres vestem as mesmas coisas em dia de festa, no máximo estréiam uma roupa nova, porém não diferente das que costumam usar em tarefas cotidianas.

Podemos ainda conferir a co-referencialidade assinalada com a utilização do objeto *essas mulheres* (linha 04), uma vez o nóculo “doces mulheres da Guatemala”, já presente na memória discursiva é reintroduzido na

memória operacional, por meio da forma referencial *essas mulheres*, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente, ou seja, continua em foco.

6.3 Desfocalização e desativação de objetos

Com relação a essa terceira estratégia, segundo Cavalcante (2005), um novo *objeto-de-discurso* é introduzido, tornando-se foco e o objeto desfocado fica em ativação parcial, ou seja, disponível para voltar a ser foco; é o que encontramos no início do segundo parágrafo, quando o referente de “A mesma coisa! No máximo, estréiam uma roupa nova, mas não diferente das que costumamos usar em suas tarefas cotidianas” (seguido do anafórico com dêitico textual *isso* - linha 09), ativa todas as descrições posteriores no texto, ou seja, através dessa âncora a escritora apresenta a sua teoria que em dia de festa, nunca ficamos tão bonitas quanto no dia-a-dia. Expressão, a qual volta a ser foco no final do texto, onde a escritora afirma que isso sim é personalidade e estilo: o mesmo tipo de roupa para a noite e o mesmo para festas.

Observe-se ainda, conforme Cavalcante (2005), o que é viabilizado pelo emprego do dêitico textual *isso*, que sendo um demonstrativo atrai o co-enunciador para mais próximo da ideia apresentada e analisada pela escritora no decorrer de seu texto. Cavalcante (2005) afirma que Gary-Prieur & Noailly tratam esses casos como um “uso insólito do demonstrativo” e alegam que expressões semelhantes não teriam uso dêitico, assim posiciona-se da seguinte forma: “Negar a deiticidade desses elementos pelo argumento de que os referentes não estão presentes no campo de visão do interlocutor é, a nosso ver, pressupor uma concepção realista da referência” (CAVALCANTE, 2005, p.144).

O ponto de vista defendido por Cavalcante (2005), é que radicalmente não podemos negar o grau de deiticidade, em usos como no caso do *isso* na crônica, pelo contrário até se acentua, já que o leitor é levado para mais próximo do ponto de partida da escritora e é convidado a compartilhar das ideias por ela defendidas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Cavalcante (2005), não podemos limitar os estudos anafóricos e dêiticos a um processo de simples co-referencialidade, uma vez que outras funções precisam ser avaliadas, como destacam Apothéloz & Doehler “é preciso estudar como os recursos linguísticos são utilizados pelos interlocutores para fins de interação, e como eles emergem, configuram-se e reconfiguram-se no curso das ações”.

Sem dúvida nenhuma, precisamos repensar alguns conceitos teóricos que se pautaram em analisar a língua por um único ponto de vista. Assim, é imprescindível que se atente para o papel fundamental da atividade do discurso na dimensão da situação, social e interacional, uma vez que os referentes do discurso vão sendo submetidos a inúmeras mudanças, que podem ser realizadas por diferentes estratégias.

Nessa direção, concluímos que as estratégias de constituição da referência na memória discursiva se realizam de maneira muito variada e dinâmica, através de diferentes processos, assim ocorrendo a progressão referencial e a organização hierárquica das informações que arquitetam um texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram*. In: Koch, Ingedore, MORATO, Edwiges Maria & BENTES, Anna Christina (orgs). *Referenciação e discurso*, São Paulo, Contexto, 2005, p.125-149.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2004, p.62.

KOCH, Ingedore. *O texto e a construção dos sentidos (parte I)*. São Paulo: Contexto, 1998. p.09-57.

KOCH, Ingedore. *Lingüística textual: Quo Vadis?* DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.17 special issue.

MARCUSCHI, L.A. *O léxico: lista rede ou cognição social?*, em L. Negri; M.J Foltran, & R.P.de.Oliveira (orgs.), *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo, Contexto, 2004, pp.263-84.